

O DESEJO DE APRENDER E O DESEJO DE ENSINAR: APROXIMAÇÕES ENTRE PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

Antonio Felipe Beserra¹
Cícera Elâne Beserra Ricarte²
Eliza Costa Dias³
Helena Cristina Navarro da Silva⁴
Maria Antonia Almeida Costa Andrade⁵
Alci Cardoso dos Santos Filho⁶
Francisco José de Oliveira Barbosa⁷
Francisco Evilasio de Sousa⁸
Débora Maria Lopes Camelo⁹
Domingos Ferreira Alencar Diogenes¹⁰
Shirleidy de Sousa Freire¹¹
Pedro de Souza Filomeno Filho¹²

RESUMO: O presente artigo analisa as aproximações entre Psicanálise e Educação a partir das categorias desejo de aprender e desejo de ensinar, buscando compreender de que maneira essas dimensões contribuem para a constituição da relação educativa. Justifica-se pela relevância de ampliar a compreensão dos processos de ensino e aprendizagem para além de abordagens estritamente cognitivas e metodológicas, considerando a dimensão subjetiva e inconsciente que atravessa o ato educativo (Voltolini, 2011; Villela, 2015). O objetivo consiste em analisar as contribuições da Psicanálise para a compreensão do desejo como elemento estruturante da aprendizagem, da docência e da relação professor-aluno. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, desenvolvida pelo método dedutivo e com objetivos exploratórios (Perovano, 2016). A fundamentação teórica apoia-se nas contribuições de Lacan (1964/2001), Voltolini (2011), Alves e Sommerhalder (2010), Gagliotto et al. (2013), De Sousa e Dias (2014), Lemos (2007), Silva (2003), Assis e Oliveira (2003) e Arrivabene e De Souza Junior (2025), entre outros autores que discutem a interface entre Psicanálise e Educação. A análise do referencial evidenciou que o desejo de aprender e o desejo de ensinar constituem processos relacionais produzidos na interação entre educador, educando e conhecimento, sendo atravessados pela transferência, pelos processos identificatórios e pelas experiências de reconhecimento. Verificou-se, ainda, que a posição ética assumida pelo professor diante do saber favorece a constituição do estudante como sujeito desejante, ampliando as possibilidades de aprendizagem significativa (Lacan, 1964/2001; Arrivabene; De Souza Junior, 2025). Conclui-se que a Psicanálise oferece importantes contribuições para a compreensão da prática educativa ao demonstrar que ensinar e aprender ultrapassam a transmissão de conteúdos, configurando-se como experiências de constituição subjetiva, nas quais o desejo ocupa lugar central na formação humana (Voltolini, 2011).

¹ Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação (MUST University). Mestrando em Filosofia (ProfFilo/UFGA). Professor de Filosofia da EEEP Deputado José Walfrido Monteiro.

² Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Roraima (UERR). Professora na Escola Estadual Mário David Andreazza, Boa Vista, RR.

³ Graduada em Licenciatura em Educação Física (UECE). Tutora presencial e a distância na UNILAB.

⁴ Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação (MUST University). Professora Pedagoga da EM Generoso Salustiano Barbosa.

⁵ Professora. Mestranda em Tecnologias Emergentes da Educação, Must University.

⁶ Licenciatura em Geografia e História, Faculdades Integradas de Navirai (FINAV). Professor criador do Método Novos Passos. Diretor da Impacto Consultoria e Treinamentos.

⁷ Mestrando em Tecnologias Emergentes da Educação, Must University.

⁸ Mestre em Educação, Universidade Estadual do Ceará (UECE).

⁹ Pós-graduação em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio, Universidade Vale do Acaraú (UVA). Mestranda em Tecnologias Emergentes na Educação.

¹⁰ Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação (MUST University). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1506502890813570>.

¹¹ Doutoranda em Ciências da Educação, Christian Business School, Paris, França. ORCID:

¹² Graduando em História (Universidade Estadual Vale do Acaraú). Professor de História no Grupo Educacional Santa Maria, Tianguá.

Palavras-chave: Psicanálise e Educação. Desejo de aprender. Desejo de ensinar. Relação professor-aluno. Transferência.

ABSTRACT: This article analyzes the intersections between Psychoanalysis and Education through the categories of the desire to learn and the desire to teach, seeking to understand how these dimensions contribute to the constitution of the educational relationship. The study is justified by the relevance of broadening the understanding of teaching and learning processes beyond strictly cognitive and methodological approaches, considering the subjective and unconscious dimensions that permeate the educational act (Voltolini, 2011; Villela, 2015). The objective is to analyze the contributions of Psychoanalysis to understanding desire as a structuring element of learning, teaching, and the teacher-student relationship. This is a bibliographic study with a qualitative approach, developed through the deductive method and guided by exploratory objectives (Perovano, 2016). The theoretical framework is based on the contributions of Lacan (1964/2001), Voltolini (2011), Alves and Sommerhalder (2010), Gagliotto et al. (2013), De Sousa and Dias (2014), Lemos (2007), Silva (2003), Assis and Oliveira (2003), and Arrivabene and De Souza Junior (2025), among other scholars who discuss the interface between Psychoanalysis and Education. The analysis of the theoretical framework revealed that the desire to learn and the desire to teach are relational processes produced through the interaction between teacher, student, and knowledge, being shaped by transference, identificatory processes, and experiences of recognition. Furthermore, it was found that the ethical position adopted by the teacher toward knowledge fosters the constitution of the student as a desiring subject, thereby expanding the possibilities for meaningful learning (Lacan, 1964/2001; Arrivabene; De Souza Junior, 2025). It is concluded that Psychoanalysis offers significant contributions to the understanding of educational practice by demonstrating that teaching and learning go beyond the mere transmission of content, constituting experiences of subjective formation in which desire occupies a central role in human development (Voltolini, 2011).

Keywords: Psychoanalysis and Education. Desire to Learn. Desire to Teach. Teacher-Student Relationship. Transference.

1 INTRODUÇÃO

A educação constitui um processo complexo que ultrapassa a transmissão sistemática de conhecimentos e envolve dimensões históricas, sociais, afetivas e subjetivas que participam da constituição dos sujeitos. Embora diferentes correntes pedagógicas tenham se dedicado à compreensão dos processos de ensino e aprendizagem, a Psicanálise introduziu um importante deslocamento epistemológico ao evidenciar que esses processos são atravessados pelo inconsciente, pelo desejo e pelas relações estabelecidas entre educadores e educandos. Nessa perspectiva, ensinar e aprender deixam de ser compreendidos exclusivamente como operações cognitivas ou metodológicas e passam a ser concebidos como experiências marcadas pela singularidade de cada sujeito e pelas dinâmicas inconscientes que permeiam o vínculo educativo.

Desde as primeiras aproximações entre Psicanálise e Educação, inauguradas a partir das contribuições de Sigmund Freud e posteriormente aprofundadas por Jacques Lacan, consolidou-se um campo de investigação dedicado a compreender como os processos psíquicos influenciam

a constituição do sujeito, a relação com o saber e o ato educativo. Conforme destacam De Sousa e Dias (2014, p. 3):

Assim, o encontro entre psicanálise e educação tem uma história de tentativas de respostas a algumas questões, como a necessidade de compreensão do desenvolvimento psicoemocional da criança, a resolução de dificuldades escolares que impedem a expressão das potencialidades individuais, além da importância do aspecto relacional entre aluno e professor na aprendizagem.

Tal compreensão desloca o foco das explicações centradas exclusivamente em métodos de ensino para reconhecer que o desejo ocupa posição estruturante tanto na constituição do sujeito quanto na produção do conhecimento.

Nesse contexto, diversos estudos têm evidenciado que o desejo de aprender não surge apenas das condições didáticas ou da organização curricular, mas se constitui na relação estabelecida entre o sujeito e aqueles que ocupam o lugar de referência em seu processo formativo. Alves e Sommerhalder (2010), Gagliotto et al. (2013), Lemos (2007), Voltolini (2011), Villela (2015), De Sousa e Dias (2014) e Arrivabene e De Souza Junior (2025), entre outros, convergem ao reconhecer que o ensino envolve uma dimensão inconsciente que não pode ser negligenciada pelas práticas educativas. Sob essa perspectiva, o professor deixa de ser compreendido somente como transmissor de conteúdos para assumir a posição de sujeito cujo desejo, implicado no ato de ensinar, influencia diretamente a relação do estudante com o saber.

Apesar dos avanços produzidos por essas investigações, observa-se que parte significativa da literatura aborda, de forma isolada, o desejo de aprender ou o desejo de ensinar, privilegiando ora a constituição subjetiva do educando, ora a prática docente. Permanecem relativamente escassos estudos que analisem essas duas categorias de maneira articulada, compreendendo-as como elementos indissociáveis do processo educativo a partir da teoria psicanalítica. Essa lacuna evidencia a necessidade de ampliar as discussões acerca da reciprocidade existente entre o desejo do professor e o desejo do aluno, compreendendo que ambos se constituem na relação e produzem efeitos sobre a experiência educativa.

Diante desse cenário, o presente estudo busca responder ao seguinte problema de pesquisa: de que maneira a Psicanálise contribui para compreender as aproximações entre o desejo de aprender e o desejo de ensinar no contexto educacional?

A relevância desta investigação reside na possibilidade de ampliar a compreensão acerca dos fundamentos subjetivos que sustentam o ato educativo, oferecendo contribuições para o campo da Psicanálise Clínica e da Educação. Sob o ponto de vista teórico, o estudo promove um

diálogo entre referenciais clássicos e contemporâneos sobre desejo, inconsciente e formação humana. No âmbito educacional, contribui para reflexões sobre a prática docente, reconhecendo que a aprendizagem não depende exclusivamente de técnicas pedagógicas, mas também da qualidade das relações estabelecidas entre professores e estudantes e da implicação subjetiva de ambos com o saber.

Assim, o objetivo geral deste artigo consiste em analisar as aproximações entre o desejo de aprender e o desejo de ensinar à luz da Psicanálise, evidenciando as contribuições desse referencial teórico para a compreensão dos processos educativos, especialmente no que se refere à dimensão subjetiva, inconsciente e relacional presente no ato educativo.

Para alcançar esse propósito, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: contextualizar historicamente e epistemologicamente o encontro entre Psicanálise e Educação, considerando as contribuições desse campo interdisciplinar para a compreensão da formação humana; analisar o desejo de aprender como dimensão constitutiva do sujeito e de sua relação com o saber, reconhecendo a influência dos processos inconscientes e das experiências relacionais na aprendizagem; investigar o desejo de ensinar e sua relação com o ato educativo, compreendendo a docência como uma prática atravessada pela subjetividade, pela ética e pela relação do educador com o conhecimento; e discutir a relação professor-aluno a partir das categorias psicanalíticas de transferência, reconhecimento e produção do desejo, evidenciando como os vínculos estabelecidos no espaço educativo participam da constituição do sujeito e da relação com o saber.

Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, orientada pelo método dedutivo e com objetivos exploratórios, fundamentada nas contribuições de Freud, Lacan e de pesquisadores contemporâneos que investigam as interfaces entre Psicanálise e Educação (Perovano, 2016).

Além desta introdução, o artigo encontra-se organizado em quatro seções. A primeira apresenta os aspectos metodológicos da pesquisa. Em seguida, discutem-se os fundamentos da interlocução entre Psicanálise e Educação, enfatizando a constituição do sujeito e a centralidade do desejo no processo educativo. Posteriormente, analisa-se a relação entre o desejo de aprender e o desejo de ensinar, destacando a importância da transferência, da implicação subjetiva do professor e da relação com o saber. Por fim, apresentam-se as considerações finais, sintetizando os principais resultados da investigação e suas contribuições para o campo da Educação e da Psicanálise.

2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, orientada pelo método dedutivo e com objetivos exploratórios. A escolha desse delineamento metodológico fundamenta-se na natureza do objeto investigado, uma vez que a compreensão das aproximações entre o desejo de aprender e o desejo de ensinar exige a análise crítica da produção teórica consolidada nos campos da Psicanálise e da Educação.

A pesquisa bibliográfica consiste na investigação desenvolvida a partir de materiais já publicados, possibilitando ao pesquisador identificar, analisar e interpretar diferentes contribuições científicas acerca do fenômeno estudado. Conforme Perovano (2016), esse tipo de pesquisa permite reunir conhecimentos produzidos por diversos autores, favorecendo a construção de novas interpretações e o aprofundamento teórico sobre determinada problemática. Nesse sentido, o levantamento bibliográfico constituiu o principal procedimento técnico deste estudo, permitindo a articulação entre referenciais clássicos da Psicanálise e pesquisas contemporâneas que discutem a interface entre educação, subjetividade e desejo.

Quanto à abordagem, a investigação é de natureza qualitativa, pois busca compreender os significados, interpretações e relações conceituais presentes na literatura especializada, sem recorrer à mensuração estatística ou à quantificação de dados. Segundo Perovano (2016), a pesquisa qualitativa privilegia a interpretação dos fenômenos em sua complexidade, permitindo analisar discursos, conceitos e construções teóricas que não podem ser reduzidos a indicadores numéricos. Assim, o foco desta pesquisa concentra-se na compreensão das contribuições da Psicanálise para o entendimento das dimensões subjetivas que atravessam o ato de ensinar e o processo de aprender.

No que se refere ao método de abordagem, adotou-se o método dedutivo, partindo de formulações teóricas gerais desenvolvidas pela Psicanálise para compreender sua incidência sobre os processos educativos. De acordo com Perovano (2016), o método dedutivo consiste em partir de princípios gerais para interpretar situações particulares, possibilitando a aplicação de referenciais conceituais consolidados à análise de problemas específicos. Dessa forma, os conceitos psicanalíticos de desejo, inconsciente, sujeito, transferência e relação com o saber constituem o eixo interpretativo utilizado para compreender a dinâmica estabelecida entre o desejo de ensinar e o desejo de aprender no contexto educacional.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa possui caráter exploratório, uma vez que busca ampliar a compreensão acerca das contribuições da Psicanálise para a interpretação da relação

educativa, favorecendo maior aproximação com o tema investigado. Conforme Perovano (2016), pesquisas exploratórias têm como finalidade proporcionar maior familiaridade com determinado problema, possibilitando a construção de interpretações que subsidiem futuras investigações e o desenvolvimento de novos conhecimentos científicos. Nesse sentido, o estudo procura identificar como diferentes autores compreendem a centralidade do desejo na constituição dos processos de ensino e aprendizagem.

O corpus teórico da investigação foi constituído por obras e artigos científicos que abordam as interfaces entre Psicanálise e Educação, destacando-se as contribuições de Voltolini (2011), Villela (2015), Lemos (2007), Gagliotto et al. (2013), De Sousa e Dias (2014), Alves e Sommerhalder (2010), Silva (2003), Assis e Oliveira (2003), Arrivabene e De Souza Junior (2025), Da Cunha e Portes, bem como os referenciais clássicos de Jacques Lacan (1964/2001). A análise desse conjunto bibliográfico foi orientada pela leitura analítica, interpretativa e comparativa das produções selecionadas, buscando identificar convergências, especificidades e contribuições para a compreensão do desejo como elemento estruturante da relação entre ensinar e aprender.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste estudo está estruturada a partir das contribuições da Psicanálise para a compreensão dos processos educativos, considerando o desejo como elemento central na constituição do sujeito, na relação com o conhecimento e na experiência de ensinar e aprender. Parte-se do pressuposto de que a educação não pode ser compreendida exclusivamente a partir de dimensões cognitivas, metodológicas ou institucionais, uma vez que o ato educativo envolve sujeitos atravessados pela linguagem, pelo inconsciente, pelas relações afetivas e pelas formas singulares de estabelecer vínculos com o saber (Voltolini, 2011; Villela, 2015).

Nesse sentido, a primeira seção da fundamentação teórica, intitulada “O encontro entre Psicanálise e Educação: fundamentos históricos e epistemológicos”, apresenta o percurso histórico da aproximação entre esses dois campos do conhecimento, destacando suas diferenças epistemológicas e, simultaneamente, suas possibilidades de interlocução. Busca-se compreender como a Psicanálise ampliou as formas de interpretar a experiência educativa ao evidenciar a presença dos processos inconscientes, dos desejos e das relações simbólicas na constituição dos sujeitos envolvidos no ensino e na aprendizagem.

A segunda seção, denominada “O desejo de aprender na constituição do sujeito”, discute a aprendizagem a partir da perspectiva psicanalítica, afastando-se de concepções que reduzem o

aprender à aquisição de informações ou ao domínio de competências cognitivas. Nessa abordagem, o desejo de saber é compreendido como uma dimensão subjetiva construída nas relações do sujeito com o Outro, com a linguagem e com o conhecimento. A análise evidencia que aprender envolve implicação afetiva, reconhecimento e investimento simbólico, elementos fundamentais para a constituição do sujeito desejante (Lacan, 1964/2001; Alves; Sommerhalder, 2010; De Sousa; Dias, 2014).

A terceira seção, intitulada “O desejo de ensinar e o ato educativo na perspectiva psicanalítica”, desloca a análise para a posição do educador, investigando como o desejo docente participa da construção da experiência educativa. Nessa perspectiva, ensinar não significa apenas transmitir conteúdos, mas assumir uma posição ética diante do saber e do outro. O professor é compreendido como sujeito também atravessado pelo inconsciente, cuja relação com o conhecimento influencia a maneira como estabelece vínculos formativos e favorece a autonomia do estudante (Silva, 2003; Assis; Oliveira, 2003; Arrivabene; De Souza Junior, 2025).

Por fim, a quarta seção, “A relação professor-aluno: transferência, reconhecimento e produção do desejo”, aborda a dimensão relacional do processo educativo, analisando conceitos fundamentais da Psicanálise, como transferência, identificação e reconhecimento. Essa discussão evidencia que a aprendizagem ocorre em um espaço simbólico no qual professor e estudante estabelecem vínculos que podem favorecer ou dificultar a relação com o saber. Assim, a sala de aula é compreendida como um espaço de produção subjetiva, no qual o desejo de ensinar e o desejo de aprender se encontram e se influenciam mutuamente (Voltolini, 2011; Gagliotto et al., 2013).

Desse modo, a fundamentação teórica busca construir um percurso argumentativo que permita compreender a educação como uma experiência marcada pela subjetividade e pelo desejo. Ao articular diferentes contribuições da Psicanálise e dos estudos educacionais, pretende-se demonstrar que ensinar e aprender constituem processos complexos, nos quais o conhecimento não é apenas transmitido ou adquirido, mas produzido na relação entre sujeitos, linguagem e saber.

3.1 O encontro entre Psicanálise e Educação: fundamentos históricos e epistemológicos

A aproximação entre Psicanálise e Educação constitui um campo de investigação consolidado ao longo do século XX, marcado pelo reconhecimento de que os processos educativos extrapolam a dimensão estritamente cognitiva e metodológica, envolvendo aspectos inconscientes que participam da constituição do sujeito. Desde as primeiras formulações de

Sigmund Freud, tornou-se evidente que o desenvolvimento humano não pode ser compreendido apenas por meio de fatores biológicos ou pedagógicos, uma vez que desejos, conflitos, afetos e experiências inconscientes influenciam significativamente a relação do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com o conhecimento. Nessa perspectiva, a Psicanálise passou a oferecer importantes contribuições para a compreensão da experiência educativa, deslocando o foco da simples transmissão de conteúdos para a complexidade das relações que se estabelecem entre professor, estudante e saber (Voltolini, 2011; Villela, 2015).

Embora Psicanálise e Educação possuam objetos e finalidades distintas, ambas compartilham o interesse pela formação humana. Enquanto a Educação busca promover processos de ensino e aprendizagem capazes de favorecer o desenvolvimento intelectual, social e cultural dos indivíduos, a Psicanálise investiga os processos inconscientes que participam da constituição da subjetividade. Essa interlocução não significa a subordinação de um campo ao outro, mas o reconhecimento de que a prática educativa envolve sujeitos atravessados por desejos, faltas, identificações e conflitos que escapam ao domínio exclusivo das teorias pedagógicas (Voltolini, 2011; Gagliotto et al., 2013).

Nesse sentido, De Sousa e Dias (2014, p. 3) afirmam que:

Assim, o encontro entre psicanálise e educação tem uma história de tentativas de respostas a algumas questões, como a necessidade de compreensão do desenvolvimento psicoemocional da criança, a resolução de dificuldades escolares que impedem a expressão das potencialidades individuais, além da importância do aspecto relacional entre aluno e professor na aprendizagem.

8

A afirmação das autoras evidencia que o diálogo entre esses dois campos foi historicamente impulsionado pela necessidade de compreender fenômenos que não encontravam respostas satisfatórias em modelos pedagógicos centrados exclusivamente na racionalidade ou na técnica. As dificuldades de aprendizagem, os impasses na relação entre professores e estudantes, bem como os processos de constituição da subjetividade passaram a ser compreendidos como experiências atravessadas pelo inconsciente, exigindo uma leitura que ultrapassasse explicações puramente cognitivas ou comportamentais (De Sousa; Dias, 2014; Voltolini, 2011).

Essa perspectiva representa uma importante mudança epistemológica no modo de compreender o fenômeno educativo. Em vez de conceber o estudante como um sujeito passivo, cuja aprendizagem dependeria apenas da eficácia dos métodos de ensino, a Psicanálise compreende que o conhecimento somente produz efeitos quando encontra um sujeito implicado em seu próprio desejo de saber. Do mesmo modo, o professor deixa de ser entendido apenas

como transmissor de conteúdos e passa a ser reconhecido como participante de uma relação simbólica marcada pela transferência, pelo reconhecimento e pela implicação subjetiva com o ato de ensinar (Lemos, 2007; Alves; Sommerhalder, 2010; Voltolini, 2011).

Nesse contexto, Jacques Lacan amplia significativamente as formulações freudianas ao compreender que o sujeito se constitui na linguagem e na relação com o Outro, sendo o desejo uma estrutura permanente marcada pela falta. Para o autor, o saber não corresponde a um objeto plenamente apropriável, mas constitui um elemento que mobiliza continuamente o sujeito em direção ao conhecimento. Tal compreensão permite interpretar o processo educativo como uma experiência que não se reduz à aquisição de informações, mas envolve a constituição subjetiva daqueles que ensinam e daqueles que aprendem (Lacan, 1964/2001).

A própria organização proposta por Lacan para a transmissão do saber evidencia essa concepção. Ao instituir sua Escola, o psicanalista afirmava que:

[...] aqueles que vierem a esta escola se comprometerão em realizar uma tarefa submetida ao controle interno e externo: os que assim se comprometerem podem estar seguros de que nada será economizado para que tudo o que façam de valor tenha difusão merecida no local mais conveniente. Para a execução desse trabalho adotaremos o princípio de uma elaboração sustentada dentro de um pequeno grupo: cada um deles (nós temos um nome para designar esses grupos) se comporá de pelo menos três pessoas e de no máximo cinco, sendo quatro o tamanho ideal. Mais-um, encarregado da seleção, da discussão e da saída a dar ao trabalho de cada um" (Lacan, 1964/2001, p. 235).

Embora esse fragmento se refira à organização da Escola Freudiana de Paris, ele revela uma concepção de transmissão do saber fundada na elaboração coletiva, na implicação subjetiva e na responsabilidade ética dos participantes, aspectos que influenciaram significativamente as reflexões posteriores sobre educação e formação humana.

Na produção contemporânea, diversos pesquisadores têm reafirmado que a principal contribuição da Psicanálise para a Educação não consiste na elaboração de métodos pedagógicos ou técnicas de ensino, mas na possibilidade de compreender os processos subjetivos que atravessam o ato educativo. Alves e Sommerhalder (2010) defendem que ensinar e aprender são experiências marcadas pela dimensão inconsciente, enquanto Villela (2015) destaca que a investigação psicanalítica permite compreender aspectos da formação humana frequentemente negligenciados pelas abordagens pedagógicas tradicionais. De modo semelhante, Voltolini (2011) argumenta que a Educação encontra na Psicanálise não um manual de procedimentos, mas um referencial capaz de problematizar os limites da ação educativa e reconhecer que o sujeito nunca se reduz às expectativas institucionais ou aos modelos normativos de aprendizagem.

Sob essa perspectiva, a relação entre Psicanálise e Educação configura-se como um diálogo epistemológico que amplia a compreensão da experiência educativa ao reconhecer o desejo como categoria estruturante da constituição subjetiva. O ensino deixa de ser concebido como simples transmissão de conteúdos, enquanto a aprendizagem deixa de ser entendida como mera assimilação de conhecimentos. Ambos passam a ser compreendidos como processos relacionais, nos quais o encontro entre professor, estudante e saber é permanentemente atravessado pelo inconsciente, pela linguagem e pelo desejo. É precisamente nesse horizonte teórico que se torna possível compreender, nas seções seguintes, como o desejo de aprender e o desejo de ensinar constituem dimensões indissociáveis da experiência educativa.

3.2 O desejo de aprender na constituição do sujeito

Na perspectiva psicanalítica, o desejo de aprender não pode ser compreendido como uma predisposição natural do indivíduo nem como resultado exclusivo de estímulos pedagógicos ou metodológicos. Trata-se de um processo que se constitui ao longo da formação psíquica do sujeito, sendo atravessado pelas relações afetivas, pelos processos de identificação, pela linguagem e pelo inconsciente. Assim, aprender ultrapassa a simples apropriação de conteúdos escolares, configurando-se como uma experiência subjetiva vinculada ao desejo de saber e à forma como cada sujeito estabelece sua relação com o conhecimento (Voltolini, 2011; Villela, 2015).

10

Freud demonstrou que o desenvolvimento humano é marcado pela busca permanente de satisfação das pulsões e pela constituição do desejo, elementos que influenciam diretamente a relação do sujeito com o mundo e com o saber. Embora o autor não tenha elaborado uma teoria pedagógica propriamente dita, suas investigações acerca do inconsciente, da sexualidade infantil e da constituição psíquica forneceram importantes fundamentos para compreender que o interesse pelo conhecimento não se reduz às capacidades intelectuais, mas envolve processos afetivos e inconscientes que participam da formação da personalidade (Assis; Oliveira, 2003; Voltolini, 2011).

Lacan aprofunda essa compreensão ao afirmar que o desejo constitui a própria estrutura do sujeito. Para o psicanalista francês, o sujeito nasce inserido na linguagem e passa a organizar sua existência em torno de uma falta estrutural que jamais pode ser plenamente preenchida. É justamente essa falta que mantém o desejo em movimento e impulsiona a busca pelo conhecimento. Nessa perspectiva, o saber deixa de ser concebido como um objeto acabado e

passa a representar um elemento que mobiliza continuamente o sujeito na tentativa de atribuir sentido à própria existência (Lacan, 1964/2001; Voltolini, 2011).

Essa compreensão permite afirmar que o desejo de aprender não decorre tão somente da qualidade dos recursos didáticos ou da organização curricular, mas da maneira como o sujeito se implica na relação com o saber. O conhecimento somente adquire significado quando encontra um sujeito desejante, capaz de estabelecer vínculos simbólicos com aquilo que aprende. Consequentemente, a aprendizagem não pode ser reduzida a um processo mecânico de assimilação de informações, pois envolve dimensões subjetivas que escapam ao controle das práticas pedagógicas tradicionais (Alves; Sommerhalder, 2010; Villela, 2015).

Ao discutir essa temática, De Sousa e Dias (2014) destacam que o desejo de saber ocupa posição central na constituição da aprendizagem, ao passo que sua ausência ou enfraquecimento pode favorecer processos de inibição intelectual. Para as autoras, compreender as dificuldades escolares exige reconhecer que elas nem sempre decorrem de limitações cognitivas, podendo estar relacionadas aos conflitos inconscientes que atravessam a constituição do sujeito e sua relação com o conhecimento (De Sousa; Dias, 2014).

Nessa direção, Gagliotto et al. (2013) evidenciam que o desejo de aprender emerge inicialmente nas primeiras relações afetivas estabelecidas pela criança, especialmente no ambiente familiar, sendo posteriormente ressignificado na instituição escolar. Segundo os

11

A família é o primeiro lugar onde a criança deve encontrar o sentimento de afeto; deve ser o lugar de maior intensidade nas relações afetivas, com seu cuidador, seja o pai ou a mãe; a escolha da figura de apego dependerá da organização e composição da família na qual a criança está inserida. Tradicionalmente, a mãe é a figura de apego, porém, atualmente essa figura pode ser substituída pela pessoa que atenda aos cuidados necessários à criança. Convém não esquecer que o apego só se desenvolve quando existem verdadeiro reconhecimento e reciprocidade na busca das relações afetivas e isso é fundamental para os professores. A possibilidade de reviver o amor e o reconhecimento na instituição educativa, como substituto àqueles recebidos do seio familiar mostra-se como determinante para a emergência do desejo de aprender. Nesta perspectiva é que deve estar baseado o relacionamento da criança com o professor. Essa relação tem por base a receptividade do professor levando em conta as singularidades e individualidades dos seus alunos. Então, um professor que não respeita a criança na sua individualidade e no seu ser único, que não acredita na sua capacidade de conhecimento poderá inibi-la do prazer de pensar e do desejo de aprender. A relação será recíproca; não recebendo investimento, a criança não demonstrará prazer. Automaticamente e inconscientemente, o professor se torna para a criança uma fonte de prazer ou sofrimento; o resultado será visível e a criança dará a resposta frente a sua tarefa de ensiná-la. Pois, é justamente o desejo de ensinar que vai garantir uma relação saudável entre professor-aluno" (Gagliotto et al., 2013, p. 116).

O trecho evidencia que a emergência do desejo de aprender está profundamente vinculada às experiências de reconhecimento vivenciadas pelo sujeito ao longo de sua trajetória.

A escola, nesse contexto, não substitui a família, mas pode ressignificar vínculos afetivos por meio da relação estabelecida entre professor e estudante. Quando o educador reconhece a singularidade do aluno e investe simbolicamente em sua capacidade de aprender, cria condições para que o conhecimento seja experimentado como possibilidade de realização subjetiva, e não apenas como obrigação escolar (Gagliotto et al., 2013).

Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Alves e Sommerhalder (2010), para quem ensinar e aprender constituem processos atravessados pela dimensão inconsciente. Os autores argumentam que o conhecimento mobiliza afetos, fantasias, expectativas e desejos que ultrapassam os limites da racionalidade, tornando insuficientes as abordagens pedagógicas centradas exclusivamente em técnicas de ensino. Em outras palavras, a aprendizagem depende não apenas do domínio metodológico do professor, mas também da qualidade das relações subjetivas construídas no espaço educativo.

Da mesma forma, Da Cunha e Portes (2016) ressaltam que o desejo de aprender deve ser compreendido para além das discussões estritamente metodológicas, pois envolve a maneira como o sujeito atribui significado ao conhecimento e se posiciona diante do saber. Essa perspectiva rompe com concepções reducionistas da aprendizagem, reconhecendo que o ato de aprender é inseparável da constituição subjetiva e das experiências relacionais vivenciadas pelo educando.

12

Sob essa ótica, o desejo de aprender não corresponde a uma característica inata nem pode ser produzido artificialmente por técnicas pedagógicas. Ele constitui um movimento permanente de busca, alimentado pela falta que estrutura o sujeito e pelas relações simbólicas estabelecidas ao longo de sua formação. É justamente porque o saber nunca se apresenta como plenamente alcançável que o desejo continua impulsionando novas descobertas, novas perguntas e novos processos de aprendizagem (Lacan, 1964/2001; Voltolini, 2011).

Desse modo, a Psicanálise oferece uma importante contribuição para a compreensão dos processos educativos ao evidenciar que a aprendizagem depende da constituição de um sujeito desejante. Reconhecer essa dimensão implica compreender que o sucesso ou o fracasso escolar não podem ser explicados exclusivamente por fatores didáticos, curriculares ou cognitivos, mas exigem considerar as relações afetivas, simbólicas e inconscientes que sustentam o encontro entre o sujeito e o saber. Essa compreensão prepara o caminho para analisar, na seção seguinte, o outro polo dessa relação: o desejo de ensinar e sua importância para a constituição da experiência educativa.

3.3 O desejo de ensinar e o ato educativo na perspectiva psicanalítica

Se o desejo de aprender constitui um elemento fundamental para a relação do sujeito com o saber, o desejo de ensinar representa, sob a perspectiva psicanalítica, uma dimensão igualmente indispensável para a compreensão do ato educativo. Diferentemente das abordagens que reduzem a docência ao domínio de conteúdos, ao planejamento didático ou à aplicação de metodologias de ensino, a Psicanálise compreende que o ensinar envolve a implicação subjetiva do educador, cuja relação com o conhecimento, com os estudantes e com sua própria história participa da constituição do processo educativo (Voltolini, 2011; Villela, 2015).

Nesse sentido, o ato de ensinar não pode ser interpretado apenas como uma atividade técnica ou profissional. Para a Psicanálise, trata-se de uma experiência atravessada pelo inconsciente, pelo desejo e pela transferência, aspectos que conferem singularidade à prática docente. O professor não transmite apenas informações; ele também transmite sua relação com o saber, seu modo de ocupar simbolicamente o lugar de educador e sua disposição para sustentar o desejo do outro sem pretender controlá-lo. Assim, ensinar significa muito mais do que comunicar conhecimentos: significa criar condições para que o estudante estabeleça sua própria relação com o saber (Voltolini, 2011; Alves; Sommerhalder, 2010).

Ao refletir sobre essa temática, Lemos (2007) argumenta que o desejo de educar não corresponde a um impulso espontâneo ou a uma vocação idealizada, mas constitui uma construção subjetiva que se manifesta na forma como o educador se implica na formação do outro. Sob essa perspectiva, educar não significa moldar sujeitos conforme expectativas previamente estabelecidas, mas reconhecer a alteridade do educando e aceitar que todo processo educativo envolve imprevisibilidades, limites e possibilidades que escapam ao controle do professor.

Essa compreensão aproxima-se das reflexões desenvolvidas por Silva (2003), ao defender que a formação de educadores deve ultrapassar a aquisição de competências técnicas e contemplar também os processos subjetivos implicados na prática docente. Conforme afirma a autora:

Com formas diferentes de linguagem, mas com o mesmo significado, afirma que formar é levar o aluno a achar seu próprio caminho, a transformar-se, a evoluir, a refletir, a mover-se, a relacionar-se. Nesse processo, colocam-se como alguém também se formando, movimentando-se, transformando-se, evoluindo, relacionando-se com trocas enriquecedoras e significativas" (Silva, 2003, p. 102).

A passagem evidencia que a formação não constitui um movimento unilateral, no qual unicamente o estudante se transforma. Ao contrário, a relação educativa produz efeitos sobre

ambos os sujeitos envolvidos, fazendo com que ensinar também seja uma experiência de permanente reconstrução da identidade docente. O professor, ao mesmo tempo em que participa da constituição do outro, também revisita seus próprios saberes, limites e formas de se relacionar com o conhecimento (Silva, 2003; Voltolini, 2011).

Essa perspectiva é reforçada por Assis e Oliveira (2003), ao defenderem que o educador deve assumir uma postura ética fundamentada no reconhecimento da singularidade do educando. Segundo as autoras:

O educador pode ser descrito, então, como aquele que é capaz de reconhecer a dependência da relação formativa, colocando-se como mediador, permitindo ao outro o diferenciar-se, o afirmar-se sem a necessidade de que o faça à sua imagem e semelhança. Ao contrário, espera-se que o caráter inicial assimétrico, em que se baseia a relação, isto é, a situação de sábio X ignorante ou de autoridade X submissão, possa transformar-se numa relação de aceitação, por parte do educador, de ser superado como figura ideal, e do reconhecimento por parte do educando, da importância da autoridade do educador na construção de sua identidade e individualidade (Assis; Oliveira, 2003, p. 246).

A análise proposta pelas autoras rompe com modelos pedagógicos autoritários que compreendem o professor como detentor absoluto do conhecimento. Em uma perspectiva psicanalítica, a autoridade docente não decorre da imposição de poder, mas da possibilidade de sustentar uma relação educativa que favoreça a autonomia do estudante. O objetivo da educação deixa de ser a reprodução do educador no educando para tornar-se a constituição de um sujeito capaz de construir sua própria trajetória intelectual e existencial (Assis; Oliveira, 2003; Lemos, 2007).

14

Essa compreensão encontra respaldo na ética psicanalítica formulada por Lacan. Ao afirmar que o sujeito é constituído pela falta e pelo desejo, o autor evidencia que nenhuma relação educativa pode eliminar a incompletude própria da experiência humana. O professor, portanto, não ocupa o lugar daquele que possui todas as respostas, mas o de quem sustenta a circulação do desejo e possibilita que o estudante produza novas significações a partir de sua relação com o saber (Lacan, 1964/2001; Voltolini, 2011).

É precisamente nessa direção que Arrivabene e De Souza Junior (2025) afirmam:

O reconhecimento da dimensão inconsciente da docência implica admitir que o professor, assim como o analista, não pode responder a todas as demandas do outro. O ensino ético, nesse sentido, é aquele que sustenta a falta, abrindo espaço para que o aluno se constitua como sujeito desejante. Essa concepção rompe com a ideia de que a tarefa do professor é preencher o aluno de saberes, propondo, ao contrário, que o ensino seja um campo de invenção e produção subjetiva (Arrivabene; De Souza Junior, 2025, p. 8).

A contribuição dos autores evidencia um dos aspectos centrais da interlocução entre Psicanálise e Educação: o reconhecimento de que o desejo não pode ser produzido por imposição externa nem plenamente satisfeito pela transmissão de conteúdos. O papel do professor consiste em favorecer condições para que o estudante desenvolva uma relação própria com o conhecimento, preservando a abertura necessária para a emergência do desejo de saber. Nesse sentido, a docência aproxima-se menos da lógica da completude e mais da ética da escuta, da mediação e da sustentação da falta como condição para a aprendizagem (Arrivabene; De Souza Junior, 2025; Voltolini, 2011).

Essa compreensão permite reconhecer que o desejo de ensinar não se reduz ao entusiasmo individual ou ao compromisso profissional, mas constitui uma posição subjetiva diante do conhecimento e da formação humana. Um educador implicado em seu próprio desejo de ensinar transmite mais do que conteúdos curriculares: transmite uma forma de se relacionar com o saber, despertando no estudante a possibilidade de construir percursos próprios de aprendizagem. Nessa perspectiva, ensinar deixa de significar oferecer respostas prontas e passa a representar a abertura de um espaço simbólico no qual o conhecimento pode ser continuamente interrogado, reconstruído e ressignificado (Lemos, 2007; Silva, 2003; Voltolini, 2011).

Assim, a Psicanálise desloca o entendimento do ato educativo de uma lógica centrada exclusivamente na eficácia pedagógica para uma concepção que reconhece a implicação subjetiva do professor como elemento constitutivo da educação. O desejo de ensinar constitui-se como condição ética e simbólica da prática docente, tornando possível a constituição de vínculos que favorecem a emergência do desejo de aprender. Desse modo, o encontro entre educador, educando e saber revela-se um processo relacional no qual ambos os desejos se entrelaçam, preparando o terreno para compreender, na seção seguinte, como a transferência, o reconhecimento e a relação professor-aluno participam da produção do conhecimento.

3.4 A relação professor-aluno: transferência, reconhecimento e produção do desejo

A relação entre professor e aluno ocupa lugar central nas reflexões que aproximam a Psicanálise da Educação, pois é nesse espaço relacional que se constituem processos de identificação, reconhecimento e produção do desejo que ultrapassam os limites da transmissão de conhecimentos. Na perspectiva psicanalítica, a aprendizagem não resulta exclusivamente da eficiência dos métodos pedagógicos ou da organização curricular, mas da maneira como os sujeitos se implicam na relação com o saber e com aqueles que ocupam, simbolicamente, o lugar

de mediadores desse saber. Desse modo, o ato educativo deve ser compreendido como uma experiência intersubjetiva na qual professor e estudante se constituem reciprocamente, sendo ambos atravessados pelo inconsciente, pela linguagem e pelo desejo (Voltolini, 2011; Villela, 2015).

Essa compreensão rompe com concepções tradicionais que reduzem a educação à transmissão linear de conteúdos ou à aplicação de técnicas didáticas. Embora os conhecimentos científicos e as metodologias de ensino sejam elementos indispensáveis ao trabalho pedagógico, a Psicanálise evidencia que eles não esgotam a complexidade da experiência educativa. Ensinar e aprender são processos marcados pela singularidade dos sujeitos, por suas histórias de vida, por seus conflitos inconscientes e pelas formas como cada um estabelece sua relação com o conhecimento. Em consequência, a escola deixa de ser concebida apenas como espaço de instrução para ser compreendida também como um lugar de constituição subjetiva, no qual o desejo pode ser despertado, fortalecido ou inibido pelas relações estabelecidas entre educadores e educandos (Alves; Sommerhalder, 2010; Voltolini, 2011).

Entre os conceitos psicanalíticos que melhor elucidam essa dinâmica destaca-se a transferência. Desenvolvida inicialmente por Freud no âmbito da clínica psicanalítica, essa categoria refere-se ao deslocamento inconsciente de afetos, expectativas, identificações e modos de relação construídos ao longo da história do sujeito para figuras que passam a ocupar posições significativas em sua vida. Embora o conceito tenha surgido para explicar a relação entre analista e analisando, suas implicações extrapolam o contexto clínico, oferecendo importantes subsídios para compreender os vínculos estabelecidos na instituição escolar. O professor, ao representar socialmente o lugar do saber, frequentemente torna-se destinatário de investimentos afetivos, idealizações, resistências e expectativas que influenciam diretamente a forma como o estudante vivencia o processo de aprendizagem (Voltolini, 2011; Villela, 2015).

Entretanto, reconhecer a presença da transferência no contexto educacional não implica confundir a prática docente com a clínica psicanalítica. Conforme argumenta Voltolini (2011), a Educação possui finalidades próprias e não deve assumir funções terapêuticas. A contribuição da Psicanálise consiste em oferecer instrumentos conceituais que permitam compreender a dimensão subjetiva presente no ato educativo, reconhecendo que a aprendizagem envolve processos que escapam ao planejamento pedagógico e ao controle institucional. Em outras palavras, o professor não ocupa o lugar de analista, mas pode beneficiar-se da compreensão de que sua presença, sua palavra e sua forma de se relacionar com os estudantes produzem efeitos que transcendem a dimensão cognitiva do ensino.

Nessa perspectiva, a transferência não deve ser compreendida como um obstáculo ao processo educativo, mas como uma condição inerente às relações humanas e, conseqüentemente, às relações pedagógicas. Ao investir simbolicamente o professor como representante do saber, o estudante cria possibilidades para estabelecer vínculos com o conhecimento. Contudo, esses vínculos dependerão da maneira como o educador ocupa esse lugar. Quando a autoridade docente é exercida de forma autoritária, inflexível ou desqualificadora, a transferência pode produzir resistência, medo ou afastamento em relação ao saber. Por outro lado, quando o professor assume uma postura ética, reconhecendo os limites de sua atuação e respeitando a singularidade do educando, cria-se um ambiente propício à construção do desejo de aprender (Alves; Sommerhalder, 2010; Gagliotto et al., 2013).

É nesse contexto que o reconhecimento adquire papel estruturante na constituição da aprendizagem. Gagliotto et al. (2013) argumentam que o desejo de aprender é profundamente influenciado pelas experiências de acolhimento e valorização vivenciadas pelo sujeito desde os primeiros vínculos afetivos e posteriormente ressignificadas na escola. Assim, o professor torna-se uma importante referência simbólica, capaz de fortalecer a confiança do estudante em suas próprias capacidades ou, ao contrário, produzir sentimentos de inadequação e fracasso quando sua prática desconsidera as singularidades do educando. O reconhecimento, portanto, não se limita ao incentivo verbal ou ao elogio, mas manifesta-se na disposição ética de considerar o aluno como sujeito de desejo, portador de uma história singular e capaz de construir percursos próprios de aprendizagem (Gagliotto et al., 2013; De Sousa; Dias, 2014).

17

Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Assis e Oliveira (2003), para quem a autoridade do professor deve ser compreendida como mediação e não como mecanismo de imposição. As autoras defendem que o educador exerce sua função quando possibilita ao estudante diferenciar-se, construir autonomia intelectual e desenvolver sua identidade sem permanecer preso à figura idealizada do mestre. Nessa perspectiva, a relação pedagógica não visa produzir sujeitos semelhantes ao professor, mas favorecer a emergência de sujeitos capazes de pensar, interpretar e posicionar-se criticamente diante da realidade. A autoridade docente, portanto, não reside na centralização do saber, mas na responsabilidade ética de promover condições para que o outro produza conhecimento.

Essa dimensão ética também é evidenciada por Silva (2003), ao afirmar que o processo formativo transforma simultaneamente educadores e educandos. O encontro pedagógico não produz efeitos apenas sobre quem aprende, mas também sobre quem ensina, uma vez que a prática docente exige permanente reelaboração dos próprios saberes, das expectativas e das

formas de compreender o outro. Sob esse enfoque, ensinar deixa de ser um ato de simples transmissão para constituir-se como uma experiência dialógica de formação recíproca, na qual ambos os sujeitos se modificam à medida que compartilham experiências, elaboram conflitos e constroem novos sentidos para o conhecimento (Silva, 2003).

As formulações de Lacan aprofundam ainda mais essa discussão ao situarem o desejo como elemento estruturante da constituição subjetiva. Para o psicanalista francês, o sujeito organiza sua existência em torno de uma falta constitutiva, razão pela qual o desejo nunca encontra satisfação definitiva (Lacan, 1964/2001). No campo educacional, essa concepção possui profundas implicações. O professor não deve ocupar o lugar daquele que promete completar o estudante por meio do conhecimento, mas assumir uma posição ética que preserve a abertura necessária para que o desejo continue produzindo perguntas, investigações e novos processos de aprendizagem. A função docente consiste, portanto, em sustentar o desejo de saber, e não em encerrá-lo por meio de respostas absolutas ou verdades inquestionáveis (Lacan, 1964/2001; Voltolini, 2011).

Essa leitura converge com as reflexões de Arrivabene e De Souza Junior (2025), que afirmam:

O reconhecimento da dimensão inconsciente da docência implica admitir que o professor, assim como o analista, não pode responder a todas as demandas do outro. O ensino ético, nesse sentido, é aquele que sustenta a falta, abrindo espaço para que o aluno se constitua como sujeito desejante. Essa concepção rompe com a ideia de que a tarefa do professor é preencher o aluno de saberes, propondo, ao contrário, que o ensino seja um campo de invenção e produção subjetiva" (Arrivabene; De Souza Junior, 2025, p. 8).

18

A passagem evidencia que a ética da docência aproxima-se da ética psicanalítica ao reconhecer os limites constitutivos da ação educativa. O professor não produz o desejo do estudante nem controla integralmente os resultados da aprendizagem; sua responsabilidade consiste em criar condições para que o sujeito possa construir uma relação singular com o saber. Isso exige abandonar a pretensão de formar indivíduos plenamente ajustados ou intelectualmente completos, reconhecendo que a educação é, antes de tudo, um processo aberto, marcado pela incompletude e pela permanente reconstrução dos sentidos atribuídos ao conhecimento (Arrivabene; De Souza Junior, 2025; Voltolini, 2011).

Desse modo, a relação professor-aluno revela-se um espaço privilegiado de circulação de afetos, linguagem, reconhecimento e desejo, no qual a aprendizagem é produzida por meio da interação entre sujeitos implicados na experiência educativa. A Psicanálise demonstra que o conhecimento não se constitui como um objeto neutro a ser transferido de um indivíduo para

outro, mas como uma construção simbólica permanentemente mediada pelas relações estabelecidas entre educador, educando e saber. Nessa perspectiva, ensinar significa sustentar a possibilidade do desejo, enquanto aprender representa a resposta singular que cada sujeito produz diante dessa convocação. É justamente nessa articulação entre transferência, reconhecimento e desejo que se encontra uma das mais relevantes contribuições da Psicanálise para a Educação: compreender o ato educativo como uma experiência ética de constituição da subjetividade, na qual ensinar e aprender se tornam movimentos indissociáveis da formação humana.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar as aproximações entre Psicanálise e Educação a partir das categorias desejo de aprender e desejo de ensinar, buscando compreender como essas dimensões contribuem para a constituição da relação educativa. Partindo de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, orientada pelo método dedutivo e por objetivos exploratórios, constatou-se que a Psicanálise oferece relevantes contribuições para a compreensão dos processos educativos ao deslocar o foco da aprendizagem exclusivamente cognitiva para a consideração da subjetividade, do inconsciente e do desejo como elementos constitutivos do ato de ensinar e de aprender.

19

A análise do referencial teórico evidenciou que o encontro entre Psicanálise e Educação consolidou-se historicamente como um campo interdisciplinar voltado à compreensão dos fenômenos subjetivos presentes no ambiente escolar. Embora possuam objetos e finalidades distintas, ambas as áreas convergem na valorização da formação humana, permitindo compreender que o processo educativo não se reduz à transmissão de conteúdos, mas envolve relações simbólicas, afetivas e éticas que atravessam a constituição do sujeito. Nesse sentido, a Psicanálise não se apresenta como um método pedagógico, mas como um referencial teórico capaz de ampliar a compreensão das experiências que permeiam a prática educativa.

No que se refere ao desejo de aprender, verificou-se que a aprendizagem não pode ser explicada apenas por fatores metodológicos ou cognitivos. O desejo de saber constitui-se nas relações estabelecidas pelo sujeito com o outro e com o conhecimento, sendo influenciado pelas experiências de reconhecimento, pelas identificações e pelos investimentos afetivos construídos ao longo da vida. Dessa forma, aprender representa uma experiência singular de implicação subjetiva, na qual o estudante atribui sentido ao conhecimento a partir de sua própria história e de sua relação com aqueles que ocupam o lugar de mediadores do saber.

Da mesma forma, a investigação permitiu compreender que o desejo de ensinar ultrapassa a ideia de vocação ou de domínio técnico da docência. Sob a perspectiva psicanalítica, ensinar implica uma posição ética diante do conhecimento e do outro, exigindo do professor a capacidade de sustentar o desejo sem pretender eliminar a falta constitutiva do sujeito. Nessa concepção, o educador deixa de ocupar o lugar daquele que detém respostas definitivas para assumir a função de mediador, favorecendo a construção da autonomia intelectual e da relação singular do estudante com o saber.

Outro aspecto evidenciado pela pesquisa refere-se à centralidade da relação professor-aluno na produção do desejo. As categorias de transferência, reconhecimento e identificação demonstram que a aprendizagem ocorre em um contexto relacional no qual o conhecimento é permanentemente mediado pelos vínculos estabelecidos entre educador e educando. Assim, a qualidade ética dessas relações influencia diretamente a emergência do desejo de aprender, reforçando que a prática educativa não pode ser compreendida apenas sob a lógica da eficiência metodológica, mas também a partir das dimensões simbólicas e subjetivas que estruturam a experiência humana.

À luz das contribuições de Freud, Lacan e dos autores contemporâneos que fundamentaram este estudo, conclui-se que a principal contribuição da Psicanálise para a Educação consiste em reconhecer o sujeito como um ser desejante, cuja relação com o conhecimento permanece marcada pela incompletude, pela linguagem e pela singularidade de sua constituição psíquica. Essa compreensão desloca o ensino de uma perspectiva centrada exclusivamente na transmissão de informações para uma prática que valoriza a escuta, o reconhecimento da alteridade e a construção de condições favoráveis à emergência do desejo de saber.

Embora este estudo tenha se limitado à análise bibliográfica, seus resultados oferecem subsídios relevantes para a reflexão sobre a formação docente e sobre as práticas educativas desenvolvidas nos diferentes níveis de ensino. Ao reconhecer a dimensão subjetiva da docência e da aprendizagem, amplia-se a compreensão dos desafios presentes no cotidiano escolar e reafirma-se a importância de relações pedagógicas fundamentadas na ética, no respeito à singularidade e na valorização da autonomia dos estudantes.

Portanto, considera-se que a interlocução entre Psicanálise e Educação permanece como um campo fértil para novas investigações. Estudos futuros poderão aprofundar a compreensão dessas categorias em contextos específicos de ensino, analisar empiricamente a presença da transferência e do desejo nas relações pedagógicas ou explorar as contribuições de diferentes

correntes psicanalíticas para a formação de professores. Desse modo, espera-se que este trabalho contribua para fortalecer o diálogo entre esses dois campos do conhecimento, reafirmando que o ato de ensinar e o ato de aprender constituem experiências essencialmente humanas, nas quais o desejo ocupa lugar central na formação do sujeito e na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fernando Donizete; SOMMERHALDER, Aline. Educação, paixão e conhecimento: sobre a dimensão inconsciente do ensinar e do aprender. *Revista Iberoamericana de Educación*, v. 51, n. 4, p. 1-16, 2010.

ARRIVABENE, Daniel Diehl; DE SOUZA JUNIOR, João Camilo. O DESEJO DOCENTE E O ATO DE ENSINAR: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA À LUZ DA PSICANÁLISE. *Cadernos da FUCAMP*, v. 45, 2025.

ASSIS, Maria Bernadete Amêndola Contart de; OLIVEIRA, Maria Lúcia de (2003). A psicologia do educador: a criança e o adolescente na atualidade. In: OLIVEIRA, Maria Lúcia de (Org.). *Educação e psicanálise: história, atualidade e perspectivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 239-254.

DA CUNHA, Flavia Maria Farias Baptista; PORTES, Luiza Alves Ferreira. DESEJO DE APRENDER, PARA ALÉM DAS QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS. *TECNOLOGIA EDUCACIONAL*, p. 24.

DA CUNHA, Flavia Maria Farias Baptista; PORTES, Luiza Alves Ferreira. Desejo de aprender, para além das questões teóricas e metodológicas. *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, ano LIV, n. 213, p. 24-33, abr./jun. 2016. ISSN 0102-5503.

DE SOUSA, JAQUELINE FERREIRA; DIAS, HELENA MARIA MELO. Psicanálise e Educação: desejo de saber e inibição intelectual. *Polêm! ca*, v. 13, n. 4, p. 1671-1680, 2014.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro; BERTÉ, Rosane; DA LUZ, Eliane; DE OLIVEIRA - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ, Gisele Costa. PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO OU PSICANÁLISE DE ENCONTRO À EDUCAÇÃO? CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A SEXUALIDADE, A AFETIVIDADE E O DESEJO DE APRENDER. *Educere et Educare - Revista de Educação*, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 109-125, 2013. DOI: 10.17648/educare.v7i14.5381. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/5381>. Acesso em: 15 jul. 2026.

LACAN, Jacques (1964). Acte de fondation. 21 juin 1964. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

LE MOS, Maria Teresa Guimarães de. Desejo de educar?. *ETD Educação Temática Digital*, v. 8, p. 80-89, 2007.

PEROVANO, Dalton Gean. *Manual de metodologia da pesquisa científica*. Editora Intersaberes, 2016.

SILVA, Maria Cecília Pereira da (2003). Da paixão de formar: uma contribuição psicanalítica à formação de educadores. In: OLIVEIRA, Maria Lúcia de (Org.). Educação e psicanálise: história, atualidade e perspectivas. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 79-123.

VILLELA, Fabio Camargo Bandeira. Psicanálise, investigação clínica e educação. 2015. Tese de Doutorado. [sn].

VOLTOLINI, Rinaldo. Educação e psicanálise. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2011.